

Educação Matemática e História Oral: uma união possível

Liliane dos Santos Gutierrez¹⁰

Apresentamos, nesse artigo, algumas considerações teóricas referentes à História Oral e a possibilidade de utilizá-la em pesquisas voltadas à Educação Matemática.

A História Oral é uma metodologia de pesquisa que faz uso da fonte oral. Através dessa, utilizando-se da entrevista, é possível registrar testemunhos, estendendo assim as possibilidades de interpretação do passado¹¹ e do presente.

No século XX, por volta do ano de 1948, ascende o uso da História Oral pelos pesquisadores. Tal fato se deve ao invento do gravador à fita. Entretanto, lembremos que o uso pelas fontes orais advém desde os tempos de Heródoto, o “pai da História” e outros historiadores da antiguidade, pois esses já utilizavam a estratégia de ouvir testemunhas de determinados acontecimentos, registrando-os, depois. (ALBERTI, 2005).

No Brasil, a História Oral chega em 1975 com a realização do I Curso Nacional de História Oral, organizado pelos representantes do Grupo de Documentação em Ciências Sociais. (ALBERTI, 2005).

Segundo Alberti (2005), uma iniciativa que surgiu desse I Curso foi o Laboratório de História Oral do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, criado pelo professor Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, que participou do I Curso Nacional. Ainda dele partiu a iniciativa da publicação de um manual de História Oral, três anos depois do evento.

Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO)¹², durante o II Encontro Nacional de História Oral¹³. Além da ABHO formaram-se, também, diversos núcleos de pesquisas e programas de História Oral em diversas instituições brasileiras, cada qual com seus objetos de estudo.

Em São Paulo, por exemplo, mais especificamente, na Universidade Estadual Paulista (UNESP), em meados do ano de 2002, o professor Antônio Vicente Marafioti Garnica dá início, junto com outros professores, ao Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM). O grupo desejava compreender os mecanismos, possibilidades e fundantes da História Oral para fazer uso dessa em Educação Matemática. (GARNICA, 2006).

Garnica (2005) nos diz que os projetos em Educação Matemática e História Oral, são desenvolvidos, atualmente, de forma sistemática, pelos integrantes do GHOEM. São eles: os pesquisadores da Universidade do Sagrado Coração de Bauru, da UNESP, da Universidade Federal do Paraná, da Fundação Universidade Regional de Blumenau, da Universidade Paulista, da Universidade de Campinas e da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Para Baraldi e Garnica (2005), a História Oral possui características tão apropriadas para a investigação em

¹⁰ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED/UFRN. E-mail: lilianemath@oi.com.br

¹¹ Nos parece claro que os pesquisadores que utilizam a História Oral como metodologia de pesquisa tem o cuidado de não se remeterem a um passado remoto pelo fato que seus entrevistados ainda devem estar vivos.

¹² A ABHO existe até hoje. Sua Home-Page é <http://www.cpdoc.fgv.br>

¹³ Em abril de 2008, na cidade de São Leopoldo (RS), acontecerá o IX Encontro Nacional de História Oral.

Educação Matemática quanto as já utilizadas tradicionalmente, apresentando-se, assim, como uma possibilidade para a História da Educação Matemática.

Em nossa tese de doutorado, por exemplo, optamos pelo uso da História Oral, a fim de respondermos questões acerca do Movimento da Matemática Moderna em Natal (RN). Por meio dos nossos narradores, professores que lecionaram Matemática em Natal, nas décadas de 60 e 70, é que estamos constituindo parte de um cenário da História da Educação Matemática no RN.

A partir de agora nos remeteremos, substancialmente, aos procedimentos metodológicos de uma pesquisa que utilize a História Oral em uma pesquisa de Educação Matemática ou outra área, a fim de apontá-los àqueles que, por ventura, desejem utilizá-la ou, simplesmente, apreciá-la.

Alberti (2005) nos diz que o trabalho de fontes orais pode ser dividido em: (1) a preparação das entrevistas, (2) a sua realização e (3) o seu tratamento.

Em relação ao primeiro item se faz necessário à realização de um projeto de pesquisa e que nesse, a História Oral, seja pertinente. Sobre isso, Alberti (2005, p.172) diz que “a narrativa dos entrevistados e sua visão sobre o tema estudado devem ser importantes para os propósitos da pesquisa. (...) é preciso que o desenvolvimento da pesquisa seja factível, isto é, que haja entrevistado em condições de prestar seu depoimento”.

A autora continua afirmando que nesse projeto de pesquisa deve-se, também, discutir e tentar definir quantas pessoas serão entrevistadas (quanto mais entrevistas, mais consistente será o material para análise dos dados da pesquisa), o tipo de pessoa que será entrevistada (elaborar uma listagem extensa e flexível dos possíveis entrevistados¹⁴) e o tipo de entrevista (temática ou história de vida).

Alberti (2005) define entrevista temática como aquelas que tratam da participação do entrevistado no tema escolhido. Meihy (2005, p.162) aponta, nesse sentido, a História Oral temática. Essa “equipara o uso da documentação oral ao uso das fontes escritas”. É a história Oral usada como técnica, quando articula, na maioria das vezes, diálogos com outros documentos, partindo de um assunto específico e previamente estabelecido.

Em relação à História Oral de vida, Meihy (2005, p.147) diz que “trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa”. O autor (2005, p. 151) afirma ainda que: “uma história de vida deve contemplar alguns aspectos gerais do comportamento social dos colaboradores. Questões como vida social, cultura, situação econômica, política e religião devem compor a história de quem é entrevistado”.

Alberti (2005, p. 175) define entrevista de história de vida aquelas que têm “como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou”. A autora afirma ainda que a entrevista de história de vida contém diversas entrevistas temáticas.

No tocante à realização da entrevista, o pesquisador deve elaborar o roteiro geral de entrevistas, que servirá para a elaboração do roteiro individual do entrevistado. O roteiro geral deve reunir perguntas minuciosas e direcionadas ao

¹⁴ Devemos entrar em contato, mesmo informal, com as pessoas que desejamos entrevistar, explicitando nossos motivos e evidenciando a necessária participação das mesmas na pesquisa.

objeto de estudo, podendo sofrer alterações. No roteiro individual deverá aparecer a particularidade daquele entrevistado.

A preparação dessas entrevistas inclui uma pesquisa exaustiva e minuciosa acerca do objeto de estudo, que certamente, estará em função da vida ou parte da vida desses entrevistados. É preciso que o pesquisador esteja preparado durante o momento *único*, o momento *ímpar*, que é o momento em que a entrevista se realiza. Não importa o número de horas que dessa entrevista. O importante é ser sagaz para tirar o máximo proveito das narrativas dos entrevistados.

Lembramos que é importante que os passos da pesquisa qualitativa sejam feitos com muita atenção e cuidado, tais como: a gravação da entrevista e o uso do caderno de campo.

O uso do caderno se deve, por exemplo, a circunstâncias que interferem na gravação. Entre elas, citamos: (1) nomes próprios: a escrita deles; (2) a emoção: o choro ou o riso do entrevistado, bem como o seu silêncio ou a expressão do seu olhar; (3) os motivos pelos quais seja necessário parar a entrevista.

A gravação deve conter o “cabelhaço” da entrevista com os dados pessoais do entrevistado, bem como a data da entrevista e o local. Deve-se também esclarecer ao entrevistado acerca da *carta de cessão*. Essa é um documento de cessão de direitos sobre a entrevista, a ser assinado pelo entrevistado.

Em relação ao tratamento das entrevistas, aconselha-se duplicar a fita gravada e estimar pelo menos cinco horas de trabalho na transcrição das entrevistas. Deve-se ouvir novamente a entrevista e conferir o que foi transcrito, a fim de corrigir possíveis erros. Posteriormente, deve-se ajustar a transcrição à atividade de leitura (gramática, ortografia, adequação da linguagem escrita ao discurso oral), bem como acrescentar notas, que esclareçam passagens obscuras. (ALBERTI, 2005).

As entrevistas realizadas podem ser apresentadas na forma de textualização. Para Garnica (no prelo) a textualização é uma edição que

preserva como que um “tom” do depoente, ainda que este tom já esteja irremediavelmente impregnado, pela própria natureza do processo e pela manipulação do textualizador, dos desejos, necessidades e tons desse agente que toma nas mãos a tarefa de textualizar. O que foi dito, como foi dito, nas circunstâncias em que foi dito é evanescente, sempre foge, sempre escapa. Resta a esperança do depoente – ou daqueles que, junto do depoente, viveram a experiência textualizada – reconhecer-se na leitura da experiência fixada pela escrita do outro.

Souza (2006, p.265), na sua Dissertação de Mestrado, ao entrevistar o professor Garnica, questionou o motivo que o leva a lançar mão da textualização e ele respondeu:

a gente textualiza porque recolheu depoimentos para compreender alguma coisa, então a gente tem que começar a ter uma postura investigativa em relação ao documento e a textualização é uma das possibilidades de exercitar essa postura investigativa em relação ao que o depoente falou. Porque você começa a ler, a reescrever, ler, reescrever, e essa trama permite, no mínimo, que você fique mais familiarizada com o que o depoente disse, até para poder, se quiser, voltar para o depoente e esclarecer algumas coisas. Então a função não é só estética, embora eu ache que exista uma função estética na textualização. Ela é também essencial do ponto de vista da pesquisa porque

não acho que só coletar depoimento seja suficiente, acho que você tem que analisar o que você coletou.

Portanto, o pesquisador ao finalizar seu trabalho com as fontes orais, deve analisar e interpretar as narrações feitas, de modo a elaborar, pouco a pouco, uma explicação lógica da situação estudada, explicando as narrações e construindo as respostas das questões acerca do seu objeto de estudo.

Referências

ALBERTI, VERENA. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

BARALDI, Ivete Maria. GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. **Traços e paisagens: a educação matemática nas décadas de 1960 e 1970**. Volume alef: nossa voz. Bauru, SP: Canal 6, 2005.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. (Org.). **Mosaico, Mapa, Memória: ensaios na interface História Oral - Educação Matemática**. Bauru: Canal 6/e-GHOEM, 2006.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. **Resgatando Oralidades para a História da Matemática Brasileira: a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo**. (no prelo).

MAIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SOUZA, Luzia Aparecida de. **História oral e educação matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões**. 2006. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual Paulista, 2006.